



2017

Amanda Nolasco Lemos

A REPRESENTATIVIDADE TRANSEXUAL ATRAVÉS DAS ARTES CÊNICAS

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

Orientador (a): Profa. Dra. Helena Vieira

Co orientador (a): Profa. Simone Ribeiro

*Dedico este trabalho
às travestis e
transexuais que
encontram na arte
um mecanismo de
sobrevivência.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo crescimento que me proporcionou nesses quatro anos.

Agradeço a Deus por me ajudar a tentar manter o equilíbrio durante o processo que muitas vezes foi cansativo.

Agradeço aos meus pais, Isabel e Amaro, por me apoiarem.

Agradeço a Ana Carolina Logello e Júlia Barcelos que nunca hesitaram em me ajudar mesmo também tendo um projeto para realizar.

Agradeço aos Shimbougues por compreenderem a minha falta de tempo e me apoiarem.

Agradeço às minhas orientadoras por aceitarem participar do projeto.

- “Nossa, forte ela!”

- “É, é logico. É
Travesti.”

*(Reportagem do programa “A Liga”
com Amanda, travesti que presenciou
a amiga ser esfaqueada em um ato
transfóbico.)*

RESUMO

Esta monografia tem como foco a análise da relação entre representatividade e indivíduos transexuais na atualidade, buscando destacar como essa relação se dá na área das artes cênicas. A pesquisa tem como objeto de estudo os transexuais nas artes cênicas, levando em consideração o contexto social de interação no meio da arte, no qual há mudanças constantes de perspectivas que possibilitam a quebra de paradigmas sociais. Dessa forma, a transexualidade na sociedade contemporânea, envolta em estereótipos e preconceitos, encontra na arte um meio de se expressar. Esta pesquisa pretende compreender como um indivíduo transexual é retratado nas artes cênicas e como ela pode ser um meio de combate ao preconceito e produção de identidades.

Palavras-chave: Transexualidade; Artes cênicas e representatividade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 GÊNERO: A HETERONORMATIVIDADE EM PERFORMANCE	9
1.1 A análise da história do sexo através do documentário “The History Of Sex”, de 1999.	9
1.2 Gênero em análise: a hierarquia sexual e os papéis culturais	14
2 “O QUE QUEREMOS É REPRESENTATIVIDADE”	20
2.1 Mercado de trabalho	20
2.2 Fake trans e suas contradições	22
2.3 Resistência e performance: “Eu faço os meus próprios projetos”	25
CONCLUSÃO	29
APÊNDICE A - ENTREVISTAS	31
APÊNDICE B- MANIFESTO DOS ARTISTAS TRANSEXUAIS	39
Referências Bibliográficas	41

INTRODUÇÃO

Quando comecei a aprofundar os meus estudos sobre o feminismo¹ percebi que algumas mulheres não participavam dessa discussão e a minha luta, que eu dizia ser por todas muitas vezes não as contemplavam. Quis conhecer mais essas mulheres, que até mesmo no meio LGBTQI² viviam com o esquecimento das pessoas transexuais, entendi que homens também coincidiam com esse preconceito. Por considerar a representatividade como uma questão de saúde, visto que a não notabilidade social é capaz de causar danos físicos ou psicológicos devido ao preconceito e a não aceitação, e por estudar numa escola de saúde, vi que era importante ter mais discussões sobre esse assunto.

As artes cênicas foram escolhidas justamente por serem fundamentais na formação cultural e social do ser humano, sendo capazes de fazer a pessoa sair de sua zona de conforto e enxergar o mundo de uma forma crítica, levando aos palcos, ruas e telas, histórias que questionam paradigmas, propondo reflexões de uma forma alternativa e, por isso, por meio delas, é possível questionar pensamentos preconceituosos e inspirar pessoas que sofram com o preconceito, tanto atuando como vendo sua história sendo contada. A importância de analisar a representatividade transexual nas artes cênicas é que, através desse meio, podemos reconhecer como a sociedade está sendo condicionada a adotar determinados estereótipos e preconceitos com a população transexual. A intenção desse trabalho é identificar e desconstruir quais sejam esses estereótipos e ressaltar na área das artes cênicas a representatividade transexual.

A pesquisa tem como objetivo compreender a identidade de gênero e o que é ser transexual; analisar como os transexuais são retratados nas Artes Cênicas e entender a arte como meio de combate ao preconceito e produção de identidades. O projeto está baseado na abordagem qualitativa. Usa como estratégias de pesquisa a revisão da literatura por meio de busca como o Scielo e *google* acadêmico, tendo referência em escritores que estudam a temática trans, como Judith Butler, Guacira Lopes, Jacqueline

¹ Feminismo: “Movimento em favor da ampliação e valorização do papel e dos direitos das mulheres na sociedade” (HOUAISS, 2008 p.344)

² LGBTQI: Grupo social que engloba Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, intersex, incluindo além da luta pelo direito a liberdade sexual e da diversidade de gênero, a perspectiva teórica e política dos Estudos Queer. (NASCIMENTO F. e FOGLIARIO D. 2017)

Gomes de Jesus, entre outros.

São utilizados também como meio de pesquisa filmes, peças teatrais e documentários que abordam a temática trans. Foram realizadas pesquisas de campo em festivais, cineclubes e peças teatrais. A pesquisa também se deu por meio de entrevistas que foram autorizadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da EPSJV-Fiocruz.

O presente trabalho se divide em dois capítulos, no primeiro é analisada a história do sexo ao longo dos séculos, como o seu desenvolvimento fortaleceu a naturalização da hierarquia sexual e entender, a partir deste contexto, como o gênero surgiu e toda a trama que o rodeia se desenvolveu. O segundo capítulo discorre sobre temas que, com base nas entrevistas realizadas com artistas transexuais, se mostraram pertinentes para uma discussão que possui enfoque na representatividade. Como compreender a exclusão social que, de forma interligada com o preconceito, interfere diretamente na inserção dos transexuais nos diferentes setores sociais, como mercado de trabalho, meios acadêmicos e na própria arte. Para evitar constrangimento os nomes verdadeiros dos entrevistados foram substituídos por Thadeu e Eduarda. Eduarda é atriz, transativista e produtora, Thadeu é músico, ator, modelo, produtor, empresário, fotógrafo e transativista.

1 GÊNERO: A HETERONORMATIVIDADE EM PERFORMANCE

1.1 A análise da história do sexo através do documentário “The History Of Sex”, de 1999.

O documentário “The history of sex” faz o trajeto histórico sobre como a relação com a sexualidade mudou durante as décadas, é dito que desde a Mesopotâmia há relatos sobre o assunto. O professor Jerrold Cooper diz que o sexo e o amor eram criados separadamente. O contexto mesopotâmico era um sistema patriarcal onde a mulher era submissa ao homem e o dualismo matrimonial masculino era permitido, sendo a esposa propriedade única do marido. Entre 2100 e 1100 a.C. o rei praticava sexo com uma sacerdotisa, que era como uma Deusa, pois o sexo era um sinal e premeditações de um bom reinado e era um desejo e direito de todos os mesopotâmicos. Mulheres queriam seduzir, homens queriam ser seduzidos não somente pelo prazer, mas pela cura espiritual.

A professora Emily Teeter explica que para os egípcios o sexo também atingia além do carnal, pois eles acreditavam que a formação do mundo advinha da masturbação do seu Deus Netuno. Para os mesopotâmios o sexo também era praticado por diversão e procriação, os egípcios eram mais livres em relação a ele e havia poucas restrições, entretanto como o casamento era muito importante, adultérios não eram permitidos. Dan Garrison apresenta a Grécia clássica como individualista, onde o sexo era totalmente livre e extremamente atrativo, pois para eles o sexo era natural. Zeus, o Deus grego, era mulherengo e por isso os homens da elite possuíam comportamentos libertinos mesmo casados. Os casamentos eram acordos econômicos e as mulheres, que eram muitos mais novas que os seus maridos, estavam predestinadas à vida doméstica. As mulheres solitárias buscavam outros modos de sentir prazer. É na Grécia clássica que se encontram os primeiros relatos de vibradores.

É importante ressaltar que até este momento não foram encontrados relatos que se demonstravam contra a homossexualidade, pelo contrário. Na Grécia clássica encontra-se os primeiros escritos lésbicos. Safo da ilha de Lesbos é a primeira escritora lésbica que se tem dados, afirma Garrison.

E lembre-se de quanto a quero
 Ou já esqueceu? Pois vou lembrar-lhe
 Os nossos momentos de amor.
 Quantas grinaldas, no seu colo,
 – Rosas, violetas, açafião –
 Trançamos juntas! Multiflores.
 [...]
 Cai a lua, caem as plêiades e
 É meia-noite, o tempo passa e
 Eu só, aqui deitada, desejante

Poema: Á Atis – Tradução Décio Pignatari

Havia também um ritual de passagem onde homens mais velhos se envolviam com meninos mais novos. Alguns casais homossexuais masculinos formavam a tropa de elite. Segundo Garrison, os gregos acreditavam que se uma tropa tinha uma relação de amizade mais profunda ela seria invencível pois um prezaria pela vida do outro. A derrota do “batalhão sagrado de Tebas” marcou o fim do período da Grécia clássica. Os relacionamentos entre mulheres e homens cresceram e o corpo feminino passou a ser mais desejado, encontra-se muito sobre a sexualidade grega implicitamente em sua arte.

No documentário também é dito que os romanos se diziam inspirados pelos gregos, Amy Richlin faz essa ligação mostrando que os romanos também possuíam grande interesse em expor a sua sexualidade por meio de esculturas. Para os romanos o pênis demonstrava sucesso, isso fez com que a mulher novamente ficasse no lugar de submissão. Relações extraconjugais eram comuns para ambos os sexos. Com as invasões bárbaras (400 d.C. – 800 d. C), o imperador Constantino sem saída decidiu se aliar à igreja, explica Jarvis Streeter, e com isso a virgindade começou a ser idealizada, “quanto maior a privação mais perto se estaria de Deus”, diz Streeter. Para Santo Agostinho, o sexo deve ser realizado somente para procriação e somente em uma posição. O pensamento cristão passa a dominar todo o ocidente.

Com a queda do império romano a sociedade mudou drasticamente, e muitas visões sobre o sexo surgiram. Jacqueline Murray explica que a igreja acreditava que antes de Adão e Eva tudo era puro e o sexo natural. Existia um conflito de pensamentos. Para a igreja, os homens não conseguiam controlar os seus impulsos e perdiam a ordem, entretanto, por ser uma obra de Deus o sexo não deveria ser de todo ruim. Foram criados os livros de penitência e o adultério, a homossexualidade, a fornicação e a masturbação passaram a ser pecados e quem realizasse sofreria punições, chegando a

pena de morte. No séc. XIII, o catolicismo dominou toda a Europa, tornando-se única religião. Na Europa o objetivo da igreja era lutar contra os vícios sexuais do seu clero.

As mulheres casadas eram as mais desejadas, devido à dificuldade de conquistá-las. Com a análise dos poeta trovadores é possível ver que o desejo sexual estava presente, mas existia muita cautela para se falar sobre ele.

Surge o inferno na arte; Michael Camille diz: “Na idade média o único lugar que não se queria ficar era no inferno”. A homossexualidade passou a ser completamente escondida. Na arte a homossexualidade era apresentada somente em dimensões que sugeriam o inferno. A religião e o sexo se uniam somente na arte. Esculturas mostrando casais no ato sexual eram comuns até mesmo nas igrejas, os padres a usavam como um exemplo a não seguir. Com a aproximação da alta idade média e o fortalecimento do catolicismo o sexo passou a ser um mecanismo de repressão, o êxodo rural fez com que as relações sociais mudassem e com isso a igreja tornasse mais rígida com relação a ele. A virilidade masculina começou a ser buscada, na vestimenta era utilizado um enchimento para parecer que o pênis era maior. As mulheres casadas deveriam ser castas e por isso era comum usarem uma calcinha que precisasse de chave para abri-la e quem tinha o controle eram os seus maridos, pois eles deveriam ter a certeza que os seus herdeiros eram verdadeiramente filhos deles, explica Jacqueline Murray.

O documentário também faz um paralelo com o contato que os europeus tiveram com outras culturas em 1511 devido ao expansionismo. Para os Maias (cultura mesoamericana e pré-colombiana) e os astecas (cultura mesoamericana) quem não tivesse o controle dos seus desejos zangaria os deuses que aplicariam severas punições, explica Murray. Enquanto os europeus conquistavam o que eles chamavam de novo mundo, Martin Lutero questionava a igreja na Europa. Antes da queda da igreja, na arte, uma onda de questionadores também surgiu, essa fase chamamos de Renascimento. O corpo e a beleza física ganharam importância em importantes pinturas renascentistas, como em “O nascimento de Vênus” do pintor Sandro Botticelli em 1483. Streeter afirma que a idade média acabou sem o cumprimento do celibato pelo clero e que inclusive o papa possuía relações sexuais.

Com a reforma protestante, iniciada por Martinho Lutero, o desejo sexual era uma dádiva de Deus e deveria ser manifestada pelo casamento, e por isso os padres deveriam casar. Por ser uma ameaça ao matrimônio a prostituição tornou-se ilegal. “Penso que os princípios básicos da sexualidade foram instituídos na idade média e até hoje os temos muito presentes em nossa sociedade.” diz Mark D. Jordan, concluindo

que além das instituições políticas, também herdamos deste período nossa “legislação sexual”. Na luta entre protestantes e católicos, surgiu uma nova era. As doutrinas da igreja estavam abertas à discussão. Mais do que nunca os padres deveriam seguir o celibato ou então poderiam ser excomungados e enforcados. No início do século XVIII muitas orgias ocorriam no palácio de Versalhes, os escritores libertinos quebravam os tabus escrevendo sobre sexo explicitamente.

Em 1600, a sociedade colonial não estava interessada no sexo, mas no fruto dele, explica Carol Berkin. “Cerca de 60% das mulheres casavam-se grávidas. Desde de que se casassem não tinha problema.” O homem que não assumisse o seu papel paterno, de chefe da família, aquele que ensina os valores, era procurado. Na cultura dos nativos do mundo novo o sexo era divino e o matrimônio só deveria ser realizado se houvesse amor. Os europeus cometiam grandes números de estupro com as mulheres indígenas, o adultério não era legalmente permitindo, porém, realizado na prática.

Carolyn M. Shaw acredita que o principal estranhamento europeu com a cultura sexual africana, vinda de vários países, foi o fato deles considerarem o sexo poderoso e regenerador, não somente um ato para procriação. O conceito da virgindade era variado entre os grupos. “Não se esperava romantismo ou afeto entre os parceiros sexuais.”, afirma Shaw. O sexo e o amor não possuíam ligação para os africanos. Os europeus encontraram mulheres como liderança nas tribos africanas e não gostaram, fizeram com que essas posições fossem alteradas, muitas famílias foram separadas.

Em 1837 iniciava-se o período vitoriano, no qual o que se esperava da mulher era a subordinação e desinteresse sexual, ela deveria satisfazer o desejo sexual do seu parceiro e gerar herdeiros. Havia um enorme pudor para com o corpo feminino, explica Elizabeth Topping, houve avanço na medicina, porém o corpo feminino não era estudado. As mulheres não conheciam a si próprias. Philippa Levine conta que, devido à falta de interesse que suas mulheres deveriam demonstrar, os homens europeus buscavam pornografia com contos e fotografias eróticas e a prostituição também era bastante procurada. Devido à grande procura pela prostituição muitas crianças eram vendidas para ajudar na renda da família.

Os homens poderiam transmitir doenças venéreas adquiridas da prostituição às suas esposas e sua posição social não era abalada. O único fato jamais permitido era ele ser homossexual. A homossexualidade, explica Robert Patten, era o grande tabu vitoriano. No final do período vitoriano a maioria das matérias jornalísticas eram casos de homossexualidade e suas punições. Estelle Freedman explica que no início do séc.

XX as mulheres começaram a sair de suas casas para diversão e para trabalhar em fábricas. Com o avanço da tecnologia, as relações começaram a serem mais discutidas com o cinema norte americano que desbancou o cinema europeu. Um dos primeiros filmes chamava-se “O beijo”, conta James Petersen; “Muitos filmes serviam para a educação sexual, numa época em que ela não existia.”

Após a primeira guerra mundial a preocupação que as doenças sexualmente transmissíveis atingissem os soldados surgiu e então o primeiro modelo de educação sexual foi disponibilizado. Domeena Reenshaw conta que no séc. XX as festas com drogas e sexo tornaram-se comuns, as mulheres deveriam ser sensuais e suas roupas foram encurtadas. Gays e lésbicas também podiam realizar encontros, milhares reuniam-se no centro da cidade como no Madison Square Garden. Entretanto, toda essa liberdade fez exhibir os escândalos envolvendo os atores e Hollywood ficou malvista pelo resto do país, a “nova arte” foi muito contestada pelos religiosos. Para recuperar a imagem, os grandes estúdios criaram o “Hays Code” uma espécie de acervo onde todos os filmes censurados ficavam listados. Hugh Hefner diz que essa censura afetou as relações entre os casais, algumas ações foram vulgarizadas.

Com a queda da bolsa de Nova Iorque, conhecida como Crise de 1929, todos os excessos foram deixados de lado. Sem emprego, a população passava por dificuldades, a era do jazz não existia mais. O cinema foi fortemente atacado com a censura. James Petersen conta que a segunda guerra mundial tratou as relações sexuais de forma mais realista, a higiene e os métodos contraceptivos foram valorizados, visto que os soldados não ficariam sem sexo. No ano de 1950, conta Hefner, o medo do avanço fez com que o conservadorismo ganhasse força, muitos homossexuais perderam o emprego e as mulheres novamente foram colocadas em domicílio, mas nem todas quiseram ficar em casa. Para Helen Brown as relações sexuais mudaram quando as mulheres se tornaram mais independentes. Alfred Kinsey realizou pesquisas, consideradas as primeiras do tipo, que tratam sobre todos os tipos de sexo possíveis desde a masturbação até a pedofilia. Questões nunca antes levantadas foram abordadas nos livros “Sexual behavior in the human male” (1948) e “Sexual Behavior of Human Female” (1948), que dividiu opiniões.

Hefner comenta, no documentário, que grande parte da crítica veio por ele apresentar as condutas sexuais femininas, o que historicamente não se comentava: “Só havia o conceito sobre dois tipos de mulheres, as boas e as más, de prostituta a Maria. Hugh Hefner é fundador da revista playboy é acreditava que com ela estava

emancipando a liberdade das mulheres e não a sua objetificação e a misoginia. No final do ano de 1950, o sexo casual fez com que a cada cinco mulheres que o praticavam ficassem grávidas. Na década seguinte, graças a Margaret Sanger, as pílulas vieram para evitarem essa gravidez indesejada e pela primeira vez as mulheres teriam o controle do que queriam ou não para o seu corpo. “Um método mais eficaz de controle de natalidade que proporcionava liberdade sexual feminina.”

Nos anos 60 os estudos sexuais não paravam e as pessoas tinham muita liberdade para fazer sexo. Paradoxalmente, os homossexuais sofriam grandes repressões policiais o caso mais famoso foi o de Stonewall³, o que fez a população gay se unir no combate ao preconceito. Nos anos 70 inicia-se o conceito de “Amor livre”, “o sexo era simplesmente sexo e o orgasmo era sagrado” diz Petersen. Livros como “kama-sutra” foram lançados, as leis de censura revogadas, a indústria pornográfica virou um negócio milionário. Uma década depois a AIDS ataca toda a comunidade gay e os avanços que a comunidade gay obtiveram nos anos 70 foram derrubados e eles foram considerados os culpados disseminação da doença. O documentário termina sem finalizar a história do século XX, deixando como mensagem que o avanço da tecnologia oferece uma nova forma de explorar o sexo: a internet, podendo ser considerada tanto libertadora como perigosa.

1.2 Gênero em análise: a hierarquia sexual e os papéis culturais

O termo gênero foi utilizado para corresponder às relações do sexo com a chegada do feminismo, pois antes era meramente um termo gramatical (SCOTT, 1995). As feministas viram que as diferenças traçadas nos gêneros era uma forma da sociedade machista invisibilizar as mulheres e que o gênero tinha se tornado uma forma de estabilizar as “formas culturais”. Explica Joan Scott:

O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de

³ STONEWALL: “O ano era 1969. Gays, lésbicas, travestis, *drag queens* e transexuais de Nova York, como muitos em todo mundo, viviam em guetos sem poder expressar seu jeito de ser e muito menos a sua sexualidade. O único espaço de liberdade que eles tinham eram casas noturnas, como o *Stonewall Inn*, um bar no bairro de Greenwich Village. Mas no dia 28 de junho, até esta ilha de liberdade LGBT virou um espaço de repressão e violência, quando uma batida policial invadiu o lugar e acabou com diversão, numa clara ação de homofobia praticada pelo Estado.”

(iGay - iG, 2018)

maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo "gênero" para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. (SCOTT, 2012, P.73)

Seguindo as reflexões de Judith Butler, o conceito de gênero serve para legitimar um pensamento expresso principalmente pelo discurso que aprisiona o sexo à reprodução, ou seja, um pensamento heteronormativo⁴. Ela não foca a sua discussão no que é gênero, visto que “A diferença e a divergência solapam qualquer tentativa de instaurar uma identidade”. O gênero e sua identidade é construído e desconstruído a todo instante, pois o sujeito é um ser que não somente responde, resiste e reage, como também intervém em seus próprios corpos para escrever-lhes suas próprias marcas e códigos identitários. [LOURO, 2012]. Pode-se dizer que todo sujeito é um ser performático

Quando se questiona a heteronormatividade, se questiona a lgbtphobia e o machismo. O mundo binário está dividido entre homem e mulher e cada um tem “normas”, existe uma hierarquia criada por uma disputa dos sexos, onde a heteronormatividade compulsória é utilizada para reafirmar os privilégios advindos do patriarcado. O grupo LGBTQ é visto como inadequado por justamente não seguir a essa regra:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado. [...] Tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. (BUTLER 2003, p.25)

O gênero aprisiona o sexo, que é visto como natural. O machismo que a heteronormatividade carrega não atinge sómulheres cis, como também as mulheres e os homens trans.

Butler (2011) afirma que o gênero não se é, mas se faz, ele está em um processo repetitivo de composição e decomposição o que é algo aparentemente natural. Assim como a performatividade, esse termo pode gerar confusão com um outro termo “performance”. Butler diz que todos os seres humanos realizam a performatividade mesmo que involuntariamente, pois ela vem da necessidade de se ter uma identidade; já a performance, tem um âmbito artístico: o dicionário Houaiss diz designar "espetáculo em que o artista atua com inteira liberdade e por conta própria, interpretando papel ou criações de sua própria autoria" (2001).

⁴ HETERONORMATIVO: O termo heteronormatividade para ser entendido deve ser desmembrado. “Hetero” é o oposto de “Homo”, ou seja, significa diferente. “Norma” seria aquilo que regula, que está em critério de normalidade. Heteronormatividade seria o ato de considerar normal somente as relações sexuais de pessoas com o sexo diferente. (PETRY, ELISABETH, MEYER, 2011)

“O gênero não é uma roupa que se escolhe ao acordar, se o sujeito decide sobre o seu gênero, claramente não pertence a esse gênero, pois é algo que não se pode escolher.” (BUTLER 2011. p. 13) Gênero é um discurso em andamento e em uma sociedade heteronormativa acaba sendo moldado por conceitos heteronormativos.

Para Joan Scott (1995), gênero é usado para enfatizar o cunho social das diferenças entre os sexos e o termo possibilita um rompimento com o estigma do sexo, sendo os conceitos de gênero capazes de estruturar a percepção e a organização de toda a vida social, influenciando as concepções, as construções, a legitimação e a distribuição do próprio poder em uma sociedade que tende a defender a soberania masculina.

A partir desses conceitos iremos entender a identidade de gênero como a forma com que a pessoa se apresenta na sociedade. O cis gênero é aquele ou aquela que está de acordo com a identificação que lhe foi dado ao nascer, por mais que não siga exatamente o padrão social, como por exemplo, uma mulher que não se depila, devido a alguns fatores construídos ao longo de sua formação psicossocial, mas o sujeito continua se sentindo confortável com essa definição. O transexual é diferente; pois é aquele ou aquela que não se familiariza com o gênero que lhe foi imposto, indo além do fato de não seguir o que é comum a um papel que se espera do gênero que lhe foi dado, mas simplesmente não concordando com esse gênero (JESUS, 2012).

Dessa forma é possível compreender que não é a cirurgia de redesignação sexual que torna uma pessoa transexual, mas sim o que ela sente.

Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente. (JESUS, 2012, p.8)

A palavra travesti vem do sentido de travestir-se de algo. Antigamente, no Brasil, esse termo estava ligado somente às profissionais do sexo, o que criou um preconceito que é presente até os dias atuais, afirma Rosa Luz, uma transativista brasileira, na América Latina esse termo deixou de servir para esse sentido (de se vestir de algo que você não é) e a palavra se ressignificou, se configurando como identidade, aproximando-se do sentido e muitas vezes sendo sinônimo de transexual.

Cross-dressing, *dragqueen* e *dragking*, carregam o sentido de vestir-se de algo e não representa identidade de gênero. Anna Paula Vencato (2008, p.2) explica que “a

grosso modo uma pessoa crossdresser pode ser definida como alguém que eventualmente usa ou se produz com roupas e acessórios tidos como do sexo oposto ao seu sexo biológico”. Segundo Guacira Lopes Louro (2012), o que a *drag-queen* faz é uma “paródia de gênero” exagerando propositalmente o que é definido como feminino. Seu sentido é totalmente artístico (performance) e não se relaciona com a identidade de gênero ou orientação sexual da pessoa.

A sociedade em toda a sua formação segue o pensamento binário de gênero, ou seja, as pessoas estão naturalizadas a entender como gênero somente o feminino e o masculino. Judith Butler, filósofa estadunidense fundadora da teoria *Queer* diz que: Queer é um movimento que toma uma direção não esperada, que contesta as normas dominantes, de modo que lésbicas, gays, intersex, bissexuais, trans., trabalhadoras sexuais podem viver com menos medo no mundo. Declarou em coletiva a jornalistas em 09 de setembro de 2015, Butler afirma que o pensamento binário é prejudicial, pois só reafirma a guerra entre os sexos e exclusão de pessoas que não se sentem parte disso.

Quando se discute sobre gênero é inevitável se discutir sobre orientação sexual. A heteronormatividade engloba a busca da supremacia heterossexual, muitos exemplos podem ser utilizados nesse contexto como a busca pela “Cura gay” e a necessidade de os homens reafirmarem sua virilidade. (SPARGO, 2017)

Há uma confusão quando se pensa em identidade de gênero, tendendo-se a pensar que possui o mesmo sentido de orientação sexual. De fato há uma ligação, mas de modo algum existe igualdade, explica Jaqueline de Jesus:

Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual (JESUS, 2012, p.12)

Quando uma pessoa não segue o padrão, como no caso dos transexuais, para sociedade sua vida perde a importância. (LOURO, 2015) recorre em seu discurso às falas de Judith Butler que diz que essas pessoas são vistas como sujeitos e corpos matáveis. No contexto atual a sociedade está rachada, e, se por um lado, a heteronormatividade e a defesa do binarismo atacam, no outro, correntes de pensamento surgem com mais força para questionar o sistema sexo-gênero e a dita normalidade.

Estado, igreja, ciência – instituições que, tradicionalmente, arrogavam-se a autoridade para definir e para delimitar padrões de normalidade, pureza ou sanidade – concorrem hoje com a mídia, o cinema e a televisão, com grupos organizados de feministas e de “minorias sexuais” que pretendem decidir,

também, sobre a sexualidade, o exercício do prazer, as possibilidades de experimentar os gêneros, de transformar e viver os corpos. (LOURO, p.4, 2012)

O termo “*Queer*” define o que está em desacordo com o normal, o que tem a intenção de perturbar o *status quo*. A teoria *queer* é feita por ideias vindas da teoria pós-estruturalistas, que têm a identidade como um dos seus conceitos chave (SPARGO, 2017). O *Queer* surge como oposição a toda a heteronormatividade dita. O corpo vira intervenção e mecanismo de defesa para poder ser o que se é e o que não se é, onde tudo é possível ser.

As possibilidades que o *Queer* proporciona não são comuns a uma sociedade binária, que não enxerga as possibilidades entre e nem fora do masculino e feminino. Teóricos *Queer* questionam a heteronormatividade compulsória que, para eles, é somente uma forma de criar a hierarquia entre os gêneros.

Não lhes interessa, serem acolhidos ou integrados ao “sistema”. Sua aspiração parece ser a de romper com a lógica hegemônica, melhor dizendo, interessa-lhes romper com a lógica que, a favor ou contra, continua se remetendo, sempre, ao sujeito central (masculino, branco, heterossexual, de classe média). (Maria Campos, 1999 apud. Guacira Lopes, 2012)

Scott (1995) diz que a repressão do feminino advém da ideia de masculinidade, como foi visto anteriormente, toda a história do sexo foi formatada por noções e ações machistas, onde a busca pelo prazer era um direito masculino. O papel da mulher era cuidar da casa, do marido, dos filhos e caso fracassasse prejudicaria todo o desenvolvimento do país. Ser discreta e boa dona de casa era o que se esperava dela e conseqüentemente o seu maior desejo. (MARY DEL PRIORE, 2016)

Quando se entendeu que as mulheres também sentiam prazer, o seu gozo passou a ser comercializado para o deleite masculino. A pornografia é um grande exemplo de produção de desigualdade do gênero, explica Lylla Cysne Frota D’Abreu (2013), desde o desejo insaciável do homem á vestimentas provocativas das mulheres. Segundo Helena Altmann (2001) parafraseando Foucault, a análise do sexo deve ser relacionada ao poder:

Não um poder que funcione pela técnica, não pela lei; mas pela normalização; não pelo castigo, mas pelo controle. O poder é onipresente porque se produz a cada instante, em todos os pontos, em toda relação: ele está em toda parte não porque englobe tudo, mas porque provém de todos lugares. (ALTMANN, 2001, p.577)

Desde a infância as pessoas são educadas a seguir rigidamente certos padrões impostos pela sociedade que já decide no nascimento o sexo do sujeito e torna-o imutável, levando pessoas transexuais a essa ideia de ilegitimidade. Os sujeitos são a todo momento influenciados (ou forçados) a serem heterossexuais, pessoas performam (no sentido artístico da palavra, por estarem interpretando um papel.) a heteronormatividade inexistente dentro delas para se encaixar em uma sociedade binária com o interesse voltado à reprodução. (SPARGO, 2017).

Ao entender a formação da história sexual, sendo o sexo um mecanismo de repressão da moral, faz com que o estudo sobre sexualidades e o preconceito em relação fique mais compreensível, visto que a heteronormatividade precisou de muitas reafirmações a favor e inibições dos comportamentos “desviantes” ao longo da história para se consagrar como verdade.

2 “O QUE QUEREMOS É REPRESENTATIVIDADE”

2.1 Mercado de trabalho

Seguindo o pensamento de Agnoleti e Mello Neto (2009), o trabalho remunerado é uma necessidade para o indivíduo como fonte de subsistência. Assim, além da remuneração, o indivíduo pode buscar por realizações pessoais e enxergar sua utilidade no meio em que se encontra. Dentro do contexto social atual, o mercado de trabalho exige dos trabalhadores maior nível de capacitação e formação. Sendo assim, cabe ressaltar que a inserção de transexuais no mercado de trabalho é dificultada desde o início da sua formação escolar, visto que é nesse primeiro momento que ocorre a intensificação do preconceito diante da transexualidade. Pode-se perceber ainda que o preconceito enraizado em nossa sociedade se evidencia em casos como o da estudante Lara, cuja matrícula foi recusada na Escola Educar Sesc em João Pessoa, ou o caso da professora Luiza que foi demitida do colégio Ângulo em São Paulo após assumir sua transexualidade, entre tantos outros casos. Muitas vezes esses casos não são noticiados por já estarem naturalizados e podem ser fatores responsáveis pela má formação escolar desses indivíduos ou, até mesmo, torná-la incompleta. Para Butler, a escola:

É um espaço de reprodução e atualização dos parâmetros da heteronormatividade, a qual está no núcleo das concepções curriculares de uma escola comprometida em garantir o sucesso dos processos de heterossexualização obrigatória e de agrupamento das normas de gênero. (BUTLER, J, 2003 apud NOGUEIRA, S. 2016 p.5)

Sayonara Nogueira, em entrevista ao NLUCON⁵, diz que a escola ainda é um motor de exclusão. No Brasil, é realmente difícil ampliar as oportunidades para temas como esse, já que todas as propostas para se discutir questões LGBT são vetadas pelo governo, como em 2013 quando a presidenta Dilma Rousseff cancelou a distribuição do Kit de combate a homofobia produzidos pelos ministérios de saúde e educação.

Como consequência desse processo, a alegação da falta de capacitação profissional é comumente utilizada para negar a contratação de transexuais nos diferentes setores do mercado de trabalho, sendo utilizada para mascarar o preconceito relacionado à identidade de gênero. Como é mostrado em um momento da peça “Dandara através do espelho”, onde Dandara Vidal narra a história de sua vida, é

⁵ NLUCON: “Conteúdo livre de preconceitos – página que aborda assuntos voltados às questões sociais, culturais e de entretenimento. A página é escrita pelo jornalista Neto Lucon.” (NLUCON, 2017)

mostrado que ela teve dificuldades para encontrar emprego quando já estava no processo de transição. Durante a peça, são entregues para plateia frases que diziam que a única forma dela conseguir um emprego era negando ser uma mulher trans. Neste caso, a dificuldade na contratação não ocorreu por falta de capacitação profissional, e sim pelo preconceito direcionado para questão da transexualidade de Dandara. A entrevistada conta que a exclusão faz as pessoas transexuais se tornarem invisíveis.

“As pessoas trans buscam por oportunidades e eu digo não só na arte. Eu conhecia uma travesti que o maior sonho dela era ser trocadora de ônibus. No trocador você ver diversos perfis ali, mas a travesti não consegue ser uma cobradora, por exemplo.” (EDUARDA)

Carvalho (2006) explica que “ao se falar de travestis e transexuais considera-se uma carga extra que é o preconceito sofrido com a exteriorização de uma imagem que foge às normas estabelecidas” (p.02). Devido à discriminação, trans e travestis acabam encontrando na prostituição a única alternativa para uma fonte de renda. A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) realizou uma pesquisa onde constatou que 90% da população transexual trabalha na prostituição em algum momento de sua vida. As pessoas transexuais são colocadas na camada marginalizada da sociedade, é o que afirma Rosa Luz em entrevista ao canal das Bee (2017). Diz ainda que o trabalho é uma das pautas para discutir a corporalidade trans, abordando uma importante questão: a prostituição. Ademais, Rosa afirma ter uma grande falha do Estado no que diz respeito a garantia de direitos sociais, não incorporando em suas políticas públicas a necessidade de inclusão dessas pessoas marginalizadas por diversas questões socioeconômicas e culturais.

Na sociedade capitalista o corpo se torna capital. Cada corpo comunica e representa o grupo que ele pertence na sociedade, portanto o que define a pessoa ser aceita ou não é como o corpo dela se transforma. As “simbologias” do corpo só estruturam a sociedade de forma que divide os seus indivíduos porque são estruturadas por um pensamento que aproveita essa divisão. (LIMA, M. e ARAUJO A. 2016)

Luzia Margaret (1990) explica que, para médicos e juristas do século XIX o aumento da prostituição ocorria devido “a miséria da mulher”, que era suscetível à sedução masculina e ao seu desejo sexual. A mulher que não tinha outra alternativa além da prostituição ainda era culpabilizada pelo crescimento de sua popularidade, que

vinha ocorrendo. Historicamente, a prostituição representa um conflito de classes, ela é tida como única alternativa para mulheres que se encontram à margem da sociedade, embora nem sempre seja a primeira escolha delas.

É sempre extraordinário entender, ao olhar para essa troca financeira, que na mente da maioria das pessoas o dinheiro é mais valioso que a mulher. Os dez dólares, trinta dólares, cinquenta dólares valem muito mais que a vida toda dela. O dinheiro é real, mais real do que ela é. Com dinheiro, ele pode comprar uma vida humana e apagar sua importância em cada aspecto de consciência civil e social e de consciência e sociedade das proteções da lei, de qualquer direito de cidadania, de qualquer conceito de dignidade humana e soberania humana. Por míseros cinquenta dólares, qualquer homem pode fazer isso. Se você pensasse numa maneira de punir mulheres por serem mulheres, a pobreza seria o suficiente. (...) Então, em diferentes culturas, as sociedades estão organizadas de forma diferente para obter o mesmo resultado: não só as mulheres são pobres, mas a única coisa de valor que uma mulher tem é a sua chamada sexualidade, que, junto de seu corpo, foi transformada numa commodity vendável. A sua chamada sexualidade se torna a única coisa que importa; seu corpo se torna a única coisa que alguém quer comprar.- *Tradução livre, do blog. Feminista com classe* (Andrea Dworkin, 1993)

2.2 Fake trans e suas contradições

Louro (2012) em seus estudos sobre sexualidade e gênero, apresenta a arte como um meio pedagógico para se questionar o preconceito. Na perspectiva de Thadeu, o entrevistado, a arte é:

“A própria expressão do ser humano dentro do contexto dele, ela é muito poderosa porque ela muda as pessoas. Você consegue fazer a pessoa sentir o que você está sentindo através da arte, através de um poema, através de música, através de uma cena o que de repente um diálogo não é suficiente.”

Fernada Soares (2017), do canal do youtube “Canal das bee”, explica que a representatividade é um passo que deve ser dado quando a visibilidade é conquistada. A visibilidade mostra que o indivíduo existe na sociedade e vive, ou deveria viver, como qualquer outro. Com o aumento das discussões de gênero e o destaque dado pelas mídias cabe alguns questionamentos: Para quem é dado este destaque? E como se dá? Quem é representado? A entrevistada Eduarda explica que devido a esse ganho de visibilidade, atores cis enxergam o personagem trans como um desafio. Nessas relações, os atores cis são exaltados enquanto sujeitos protagonistas dessa história, sendo ressaltado o seu talento e capacidade de atuação, enquanto o personagem trans permanece em posição de “objeto” dentro de sua própria história, sem

representatividade. Isto porque, enquanto objeto, essa figura trans não possui autonomia para se colocar enquanto protagonista de sua própria realidade.

Assim, filmes Hollywoodianos como “A Garota Dinamarquesa” ou “Clube de Compras Dallas” que levaram prêmios e foram aclamados pela mídia, dando grande visibilidade ao tema, são reflexo das relações de dominação relacionadas ao gênero e sexualidade que são estruturais em nossa sociedade. Para entender o impacto do fake trans, basta analisar a diferença entre visibilidade e representatividade. A transativista Maria Clara Araújo, em entrevista ao site prosa livre em 2015, disse que enquanto “não conseguir representar nem a mim mesma, continuarei sendo lida como sub-gente, de modo coisificado e estando em um papel de abjeção, sofrendo com a exclusão social”.

Outra questão que pode ser levantada é: Por qual motivo filmes com a temática de transexualidade que foram protagonizados por artistas transexuais não obtiveram tanto destaque? O filme “Uma mulher fantástica” de Sebastián Lelio protagonizado pela atriz transexual Daniela Vega também foi muito elogiado pela crítica, mas não chamou a atenção do grande público. A resposta para esse caso talvez possa ser o investimento inferior que uma produção chilena tenha comparado ao filme hollywoodiano, mas então qual seria motivo da regravação da BBC de “*Rocky Horror Picture Show*”, que teve Laverne Cox interpretando Dr. Frank-N-Furter, também não rendeu grandes comentários, se o filme é considerado um clássico americano, Laverne estando no auge de sua carreira, sendo uma das atrizes transexuais mais famosas e a BBC tendo um grande público tanto nacional quanto internacional?

Em 2016, artistas trans se reuniram para reivindicar pelos seus direitos em busca de oportunidades no meio artístico. Renata Carvalho foi uma das líderes do movimento e ela explica o Fake Trans como o ato de um ator cis interpretar um personagem trans, e diz que assim como black face tira o direito de um negro expor o seu talento, o fake trans é uma forma de invisibilizar o talento trans. Em entrevista, Eduarda comenta sobre essa exclusão.

“Noventa por cento das travestis estão na prostituição, o Brasil é o país que mais mata travesti. As pessoas falam que as travestis andam em lugares perigosos, mas elas não tem consciência que são os cis que colocam as pessoas trans para a margem da sociedade. No fake trans a gente vê essa questão de exclusão.”

Thadeu e Eduarda ao serem perguntados sobre o Fake Trans citam a novela da Rede Globo, “A força do querer”, que trouxe para o horário nobre a vida do Ivan, um

homem trans que ainda estava se descobrindo. Na novela foi mostrado todo o processo de transformação dele, no entanto o personagem foi interpretado por uma mulher cis. Os entrevistados entendem a importância de se ter em um meio de comunicação muito forte como a novela a discussão sobre o assunto, mas alertam a falta de representatividade nela. Diz Thadeu:

“Se o mundo fosse maravilhoso, se não tivesse problema nenhum em ser trans, se a sociedade tivesse totalmente aberta e respeitasse os nossos direitos, se a gente tivesse de fato um acesso a cultura como as pessoas cis tem, “Ah é difícil pra todo mundo a arte” sim é difícil pra todo mundo, mas existem certos privilégios se a gente tivesse as mesmas oportunidades tudo bem, mas não, a gente é sempre excluído.”

Ainda nessa perspectiva, Eduarda afirma: “Só a visibilidade pra gente não interessa mais. Até um certo momento interessou, tanto que a gente não lutava tanto por representatividade, mas agora os tempos são outros. O assunto já está sendo discutido, as pessoas trans estão pedindo representatividade.”

O assunto não é novo, segundo Ana Carolina Moraes de Pinheiro no início dos anos 90 os *Crossdressers* já vinham sendo apresentados ao público pelo cinema. Na contemporaneidade, ela destaca o filme *Gun Hill Road* (2011) que teve o papel interpretado “com muita fidelidade” pela atriz transexual Harmony Santana, e menciona a importância da auto-representação, pois sem ela a história é contada sem a face do personagem principal.

O conceito de Invisibilidade Social tem sido aplicado, em geral, quando se refere a seres socialmente invisíveis, seja pela indiferença, seja pelo preconceito, o que nos leva a compreender que tal fenômeno atinge tão somente aqueles que estão à margem da sociedade. (Porto, 2014, p. 1)



Laverne Cox em “Rocky horror Picture show”

2.3 Resistência e performance: “Eu faço os meus próprios projetos”

Roselee Goldberg (2006), apresenta conclusões sobre o estudo dela, organizando arte da performance nas décadas:

No passado, a história da arte da performance assemelhava-se a uma sucessão de ondas; veio e se foi parecendo às vezes um tanto lenta ou obscura, enquanto outras questões ocupavam o centro das preocupações do mundo da arte. Quando voltou parecia muito diferente de suas manifestações anteriores. (GOLDBERG, 2006 P. 216)

As décadas 60 e 70 tiveram anos de grandes oposições aos padrões sociais. Muitos movimentos se desenvolveram e a arte passou por um processo de transformação, no qual há um deslocamento no foco dos artistas. Estes passaram a transmitir as ideias a partir da arte, sem utilizar as produções artísticas como mercadoria a ser comercializada, adotando também uma perspectiva crítica e questionadora da realidade. Foi neste período que a performance ao vivo foi iniciada. Devido à liberdade de criação artística, muitos artista aderiram. “A performance tem sido um meio de dirigir-se diretamente a um grande público, bem como de chocar plateias, levando-as a reavaliar suas concepções de arte e relação com a cultura.” (GOLDBERG, 2006, prefácio)

Na performance o *performer* é, na maioria das vezes, um artista em cena e não um personagem, acompanhado ou não de outros artistas, cenários e iluminação. O diferencial da performance é que ela não se restringe a um meio e busca em todos os meios artísticos uma forma de transmitir a sua mensagem (GOLDBERG, 2006). Tanto em “Dandara através do espelho”, peça antes comentada, como em “BR-TRANS”, peça de Silvero Pereira onde são apresentados relatos feitos por travestis com quem ele conviveu, esta metodologia foi observada. Dandara utiliza uma câmera que roda o palco filmando a plateia e os atores, além de convidar algumas pessoas do público para participar das cenas. Silvero, acompanhado somente de um músico, canta, dança e organiza sua própria iluminação.

Goldberg (2016 p.4) assegura que “a performance era o meio mais seguro de incitar um público acomodado.”, Nos fins da década de 80 a performance era utilizada como oposição política e possuía caráter de protesto social. Quando a entrevistada, Eduarda, diz que faz os seus próprios projetos, pois entende que se for esperar um convite ou uma oportunidade, ela nunca irá se apresentar, é um ato de resistência e

protesto social.

Nos anos 90, Goldberg explica que a internet proporcionou um novo estilo para arte da performance, que agora poderia difundir as suas ideias alcançando uma nova camada de pessoas em tempo real. Ainda que, a arte performática tenha ganho popularidade, Goldberg afirma que, ela continua sendo um meio de oposição e reflexão sobre os acontecimentos do seu tempo.

Na performatividade, encontra-se a liberdade para o indivíduo expor o seu significado e pensamento, é um meio onde o indivíduo pode se representar e sentir-se representado naquele lugar e, conseqüentemente, na sociedade. Como é possível observar na peças que inspiraram a pesquisa:



“Dandara através do espelho “de Dandara Vidal

Uma peça autobiográfica, conta a história de Dandara, que, com ajuda de Pedro, tenta realizar o seu sonho de fazer um filme contando as experiências que passou durante a sua transição. Durante a peça, Dandara se relaciona com a plateia fazendo-a entrar em cena, o que em determinados momentos gera desconforto, por exemplo quando ela entrega placas para plateia com frases transfóbicas pedindo para reproduzirem. Fazendo o público reviver momentos marcantes, e muitas vezes dolorosos, junto com ela, Dandara faz com que pessoas cis, que nunca teriam contato com essa situação se coloquem no lugar dela, e fortalece pessoas trans que se enxergam nela.



“BRTRANS” de Silvero Pereira

Silvero Pereira conta histórias que ouvia de suas amigas travestis na época que morou com elas, além de questionar o genocídio trans com performances corporais e slides, Silvero causa um conflito de gênero ao mostrar para o público sua troca de roupa e passagem de personagem a personagem, (de Silvero a travesti) questionando a corporalidade do sujeito.



“Mulheres de Tebas” coletivo transarte

O coletivo transarte conta a história uma mulher trans. que enriquece e decide patrocinar o seu bloco de carnaval preferido para que ele possa desfilir. É nesse contexto que a comédia “Mulheres de Tebas” se desenvolve, com muita música e situações que fazem a plateia rir. A peça mostra que, se tratando da transexualidade, não é necessário o uso de estereótipos para fazer comédia. A peça se torna um ato político, questionando o público com perguntas como "sou travesti, e daí?"

“Uma flor de Dama” de Silvero Pereira



“Uma flor de Dama” de Silvero Pereira

Baseado no clássico “A dama da noite” do Caio Fernando de Abreu, Silvero Pereira conta a solidão da mulher trans, de uma forma diferente da realizada em BRTRANS. Com somente uma personagem, Silvero mostra com mais agressividade a realidade trans e tudo se passa num bar à noite, a peça inicia com a personagem sozinha e silenciosa com o tempo, ela se revolta e discute com um desconhecido no bar, um texto carregado de dor que deixa a plateia em silêncio.



“Diva da Sarjeta” com Dandara Vidal

Do projeto “A solidão da mulher trans”, "diva da sarjeta" questiona o corpo feminino e o genocídio dos transexuais e principalmente questiona o descaso social com as relações afetivas de pessoas transexuais. Dandara se apresenta como "uma mulher de pau", conta como vive sendo um corpo estranho na sociedade, que nunca a aceita. Compartilha pensamentos de sua adolescência, sobre relacionamentos e de onde, na arte, tirava forças para viver a realidade sem aceitá-la.

CONCLUSÃO

As questões sobre gênero estão sendo cada vez mais discutidas, tanto em representações artísticas, quanto em meios acadêmicos e no cotidiano. A arte atua como um instrumento de resistência dos marginalizados contra um sistema preconceituoso. Dessa forma, na criação, os indivíduos constroem uma identidade e deixam de ser “os outros/objeto”, passando a ser sujeitos de sua própria história, centralizando sua existência.

A representatividade ocorre quando o indivíduo que faz parte de uma minoria social realiza um trabalho que conta a sua história. A partir desse estudo foi possível observar que essa representatividade que a mídia apresenta não é efetiva, são poucos os artistas trans que conseguem uma oportunidade para além do elenco de apoio. O que também encontramos é o indivíduo trans sendo estereotipado contribuindo ainda mais para o preconceito.

Por meio deste trabalho percebemos o crescimento da visibilidade de pessoas trans dentro de veículos de comunicação. No entanto, dentro de certos limites, uma sociedade capitalista ainda instrumentaliza representações irreais desse grupo, como forma de manutenção de um processo de subjugação de pessoas trans. É ilusório pensar que todos os produtores estejam interessados em acabar com a transfobia e divulgar o talento trans, já que, ao refletir sobre o contexto social e político não só brasileiro, como de todo continente latino americano, que sofre a influência dos países capitalistas centrais no que diz respeito aos modelos de consumo, a utilização de um assunto como a transexualidade, que divide opiniões, pode estar ligada a uma “jogada de marketing” onde o que interessa não é satisfazer o cliente, mas fazer com ele comente sobre o produto, ajudando assim na divulgação dos nomes envolvidos no trabalho.

Ao analisar dados como os da organização não governamental *Transgender Europe*, rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população transgênero, vemos que em seis anos, de 2008 a 2014, 604 travestis e transexuais foram assassinados no Brasil, tornando o país mais transfóbico do mundo. É alarmante que o tema só fique em discussão teórica. Entendemos também a arte como um veículo de visibilidade, se, junto com ela, houver um processo real de representatividade, ou seja, se existir oportunidade a essa população valorizando os atores trans, e, além disso, é necessário que se valorize a própria arte.

Ao longo dessa pesquisa procuramos destacar o papel fundamental da arte enquanto mecanismo de resistência dos transexuais, visto que são sempre representados de forma superficial.

Concluimos também que isso deve-se ao fato da construção social de um estereótipo idealizado ser difundido por toda sociedade. Ressalta-se ainda que estes estereótipos servem como manutenção de uma ordem transfóbica. Ainda sob essa perspectiva, destaca-se como essencial a representatividade na arte como meio para desconstruir preconceitos e desmitificar estereótipos, tornando-se assim, uma forma de libertação e união desses indivíduos invisibilizados.

APÊNDICE A - ENTREVISTAS

1.1 Entrevista com Tadeu, realizada em 09/11/17

1. Conte-me sobre sua carreira e o que você faz.

Eu sou músico, ator e modelo. Fiz artes cênicas num curso de teatro da freguesia, participei de vários grupos como o Tá na rua, atualmente faço parte do grupo Transarte que é um grupo que a maioria é trans de teatro na Lapa e como música tenho as minhas músicas autoras, tô produzindo funk com pop também, tô batalhando no mercado. Também sou empresário faço vendas, sou fotógrafo, o famoso pau pra toda hora.

2. O que a arte representa na sua vida? Você acredita que ela possa ser um meio de combate ao preconceito? Por que?

A arte representa a minha vida, se não fosse pela arte não vejo nenhuma razão de estar vivo. Já passei por muitas situações, de suicídio inclusive, e sempre o que me fazia ficar era a arte e o objetivo que eu tenho com a arte. Eu acho que a arte sendo a própria expressão do ser humano dentro do contexto dele, ela é muito poderosa porque ela muda as pessoas. Você consegue fazer a pessoa sentir o que você está sentindo através da arte, através de um poema, através de música, através de uma cena o que de repente um diálogo não é suficiente, eu posso tá falando das minhas vivências e você estar tipo ok, mas se eu encene isso e eu consiga fazer com que você sinta aquela emoção, é um outro processo. A arte é transformadora, eu não sei o que seria da raça humana sem a arte, provavelmente estaríamos todos perdidos.

3. Qual é a sua opinião em relação ao fake trans (quando atores cis fazem personagens trans)?

Olha, vamos por parte, isso é muito complicado. Como ator eu não vejo problema em como ator a gente pegar qualquer tipo de papel, não tem diferença. Só que no momento que a gente tá falando sobre protagonismo, de representatividade de um grupo, uma comunidade que não tem nada disso e que é sempre posto a margem, tendo pessoas totalmente capazes nessa comunidade, como Dandara Vidal por exemplo, eu também que sou ator, assim, existem pessoas trans que são muito capazes de protagonizar a si mesmo, protagonizar suas histórias e aí você pega uma pessoa cis pra fazer isso, você tá excluindo. É mais uma forma de marginalizar esse povo pelo contexto que a gente tá

vivendo. Se o mundo fosse maravilhoso, se não tivesse problema nenhum em ser trans, se a sociedade tivesse totalmente aberta e respeitasse os nossos direitos, se a gente tivesse de fato um acesso a cultura como as pessoas cis tem, “Ah é difícil pra todo mundo a arte” sim é difícil pra todo mundo, mas existem certos privilégios se a gente tivesse as mesmas oportunidades tudo bem, mas não, a gente é sempre excluído. Vou citar como exemplo aquela novela maravilhosa, daquela diretora muito boa chamada Gloria Peres. O que aconteceu, os homens trans fizeram um movimento gigantesco no youtube e no facebook, inclusive João Neri iniciou esse processo, pra gente falar pra Gloria Peres e para os diretores envolvidos de que sim existem homens trans artistas, formados e com capacitação e todo um portfólio pra fazer a cena e homens trans pré hormonização, um dos problemas que ela falou era que só tinha homens trans já hormonizados e ela queria fazer todo o processo, então existe homens trans pré que são atores, bons atores, homens trans pós que são atores, a gente fez isso e no fundo a gente só serviu pra pesquisa e isso foi sic, entrei em contato com auxiliar de elenco e desligaram na minha cara, foi tudo muito escroto e foi ali que eu vi que o buraco é mais embaixo e foi por ai, um exemplo, na prática, a respeito do protagonismo.

4. Series, filmes e peças que fazem fake trans na sua opinião são necessárias ou só reafirmam o preconceito sendo excludente?

No caso da novela eu não acho que foi desnecessário não, até porque, querendo ou não fez um ótimo rebuliço, só que eu acho que a forma que foi mostrada deu vários bugs na cabeça das pessoas, faltou informação, algo mais didático para as pessoas entenderem, porque aquela novela foi passada na globo, num horário de família, das vovozinhas, das mães e pais assistirem, é uma galera que não vai pesquisar no computador pra saber mais sobre aquilo, pelo contrário eles vão julgar. Então, eu acho que quanto mais didático melhor, lógico que teria sido infinitamente melhor em questão de matéria se tivesse colocado uma pessoa trans pra fazer.

5. Você concorda com a frase: “A visibilidade trans se tornou marketing”?

Sim, ficou *cool* no sentido de vamos aproveitar que isso é um assunto que dá ibope e vamos aproveitar pra fazer ibope e é isso, não tenho nem o que falar sobre.

6. Quais são os artistas que mais te inspiram?

Na atualidade, “vamo” pegar a galera de agora, eu gosto muito da Linn da quebrada, eu gosto muito de Pablo Vitar, apesar de não ser uma pessoa trans, não tem nada a ver com a causa, não faz (sic) nenhuma pela causa, mas é uma pessoa que conseguiu estar onde tá e tem um poder (sic) com isso, acho que ainda sabe usar pela causa. Tem a Laverne Cox, tem a Naomi Campbell, tem muita gente (sic) no meio trans, Dandara Vital, pra ser sincero eu só voltei pro teatro por causa da Dandara Vital, foi ela que chamou pro grupo, se não eu não ia voltar pro teatro mais, eu já tinha desistido, e por ai. Eu acho que os grandes artistas mesmo são invisíveis, eles não “tão” na estampa eles são mais underground, a base, é porque é mais a galera que faz.

7. É comum acharem que no meio artístico as pessoas são menos transfóbicas, você concorda?

Nossa não, jamais, pelo contrário, é um ninho de cobras eles vão sorrir pra você falar que tá tudo bem e acenar, aí você vira as costas eles vão falar uma caralhada de coisas, é bem absurdo.

8. Você já presenciou algum caso de transfobia nesse meio?

Sim. O que acontece é que o meio artístico é um meio elitista pra sic, é uma galera preconceituosa, mas preconceituosa com pose. Então é muito mascarado. Eu já passei por uma situação inclusive com uma mulher trans que eu não entendi sic nenhuma na verdade, a Pepita, já ouviu? Ela tá super em alta e tal, não deixo de gostar do trabalho dela, mas eu fiquei com um rançinho com ela porque ela tava fazendo show num local que eu sempre vou aqui no Rio de Janeiro que é a Casa nem, assim que eu cheguei lá em cima tava até com um copo de cachaça na mão, tinha acabado de sair de um trabalho que ta fazendo, ela olhou pra mim e falou “ah quase que me enganou” tem dessas coisas no nosso próprio meio, imagina no meio de pessoas cis riquíssimas, artistas, burguesas e tal, é pior ainda.

9. O que é para você a luta por direitos?

A resiliência né? A luta por direitos... eu não sei eu vivo isso tanto na pele já fica natural, é todo dia uma questão, todo dia um diálogo que tenho que fazer com algum amigo, conhecido que fala uma coisa absurda, sabe? Aí eu falo, pô cara isso aí que você falou e tal... então tá tão natural acho que eu não sei. A gente tava lutando em a retificação do nome, agora, e direito do nome social que, sinceramente, que eu acho que é uma esmola, é um absurdo você passar por um processo pra ter o nome social que nem sempre é respeitado ainda, é muito pouco a gente quer o mínimo que é ter o nome, uma identidade. A luta pelo direito na nossa comunidade trans é muito orgânico, não sei o que falar sobre isso é algo rotineiro nossa já a gente tá quem vim programado já sabendo de todos os perrengues tretas e bads porque é sic

10. Em sua opinião existe invisibilidade trans no meio LGBT? Se sim, o que é necessário para combater?

Será? (risadas) Cara, com certeza, com certeza, com certeza tava até conversando com uma amiga minha que é lésbica outro dia, porque ela fez uma postagem falando sobre genitálias, caracterizando aquela coisa sabe vagina, sexo feminino, ainda brinquei com ela, falando amiga você tá rachando a minha cara de vergonha você tem trocentos amigos trans e você tá sendo transfóbica cara. Em aplicativos de pegação isso acontece muito, os homens gays são muito transfobicos, muito falocêntricos, eu vejo que o trans é meio que o divertido do rolê, você fala que tem amigos trans, fala que gosta da causa e tal, mas você não leva a sua amiga trans pra casa, não ajuda sua amiga trans a arrumar um emprego, não dá uma assistência, sabe? Ai é muito daquela coisa do papo pra pagar de bacana, de desconstruída, mas ai na pratica é bem complicado, e principalmente no meio gay, eu tenho amigos trans que são gays e bissexuais e eles comentam que os caras são muito absurdos nesse sentido.

Entrevista com Eduarda realizada em 03/11/17

1. Conte-me sobre sua carreira e o que você faz.

Comecei a estudar teatro em 2008, num projeto chamado “Damas em cena” que foi idealizado pela diretora Celina Sodré na Lapa num local chamado “Instituto do ator” e lá eles já trabalhavam com atores que já eram atores, mas ele acabaram abrindo uma

exceção pra botar um curso inicial para travestis e transexuais. Na época eu fazia o projeto Damas que é da prefeitura, um projeto de inclusão social de travestis e transexuais, aí eu tive a oportunidade de ser convidada pra fazer esse curso e na hora eu aceitei porque eu sempre quis ser artista. A princípio eu só fazia trabalhos dessa companhia que é o “Instituto do ator” e depois eu fui percebendo que para que eu fosse uma atriz eu teria que criar os meus próprios papéis e projetos porque ainda existe uma exclusão das pessoas trans apesar das nossas vidas serem interessantes. Eu entendi que eu precisava aprender produção e como também eu nunca tive condições financeiras de estudar, sempre fui buscando as oportunidades de me jogar com as pessoas que fazem produção para que eu pudesse aprender a fazer projeto, a produzir e sempre me dedicando, mas tudo isso como foco para que eu fosse atriz. Não vivo financeiramente como atriz, atualmente trabalho com produção aqui no castelinho do flamengo, e fico me dividindo. Me sinto atriz, mas não consigo viver financeiramente disso.

2. O que a arte representa na sua vida? Você acredita que ela possa ser um meio de combate ao preconceito? Por que?

Nossa até me arrepiei com essa pergunta. Então, a arte pra mim é o que me motiva na vida, assim, hoje tudo o que me motiva é arte, é o meu grande sentido. Atualmente eu tenho a peça que é “Dandara através do espelho” que é uma peça autobiográfica que vem até reafirmar essa pergunta que você me fez. Eu acredito na transformação através da arte tanto que você vê que esse momento político conservador, facista, eles atacam primeiro a arte porque a arte tem uma força e eu acho que muitas pessoas da arte estão focadas em busca de coisas melhores então, eu acho que esse momento ruim que a gente tá vivendo vem mostrar o quanto a arte é forte o quanto a arte é transformadora.

3. Qual é a sua opinião em relação ao fake trans (quando atores cis fazem personagens trans)?

Eu tenho ódio de fake trans. Noventa por cento das travestis estão na prostituição, o Brasil é o país que mais mata travesti. As pessoas falam que as travestis andam em lugares perigosos, mas elas não tem consciência que são os cis que colocam as pessoas trans para a margem da sociedade. No fake trans a gente vê essa questão de exclusão. Na verdade as pessoas tem fetiche por interpretar pessoas transexuais, é por vaidade. Se as pessoas realmente mergulharem na história da pessoa trans e visse a exclusão eu tenho certeza que a pessoa cis desistiria, mas como a maioria faz por fetiche se torna

interessante. Eu tenho ódio de fake trans, acho que as pessoas tinham que se conscientizar.

4. Series, filmes e peças que fazem fake trans na sua opinião são necessárias ou só reafirmam o preconceito sendo excludente?

Vou citar a novela “A força do querer” que foi interpretado por uma pessoa cis, a Carol Duarte (atriz) com certeza vai ganhar muitos prêmios, enquanto ela tá ganhando prêmio ela e ta super na visibilidade, a Dandara dos Santos, (uma travesti) foi assassinada em plena luz do dia com as pessoas filmando. Só a visibilidade pra gente não interessa mais até um certo momento interessou, tanto que agente não lutava tanto por representatividade, mas agora os tempos são outros. O assunto já está sendo discutido, as pessoas trans estão pedindo representatividade. A carol Duarte teria muitas outras oportunidades de mostrar o seu trabalho, se fosse uma pessoa trans talvez ali acabasse o preconceito porque* estaria conhecendo não só o personagem, mas a pessoa. Quem tá fazendo é uma pessoa cis e querendo ou não o que ta sobressaindo ali é o talento da pessoa cis. As pessoas trans buscam por oportunidades e eu digo não só na arte, eu conhecia uma travesti que o maior sonho dela era ser trocadora de ônibus. Trocador você ver diversos perfis ali, mas a travesti não consegue ser uma cobradora, por exemplo. Eu acho que o que a gente precisa é de representatividade, visibilidade já tá ótimo até os ataques estão maiores.

5. Você concorda com a frase: “A visibilidade trans se tornou marketing”?

Eu concordo em termos. Em relação a arte, o ator cis tem fetiche de fazer um trans, é desafiador. Mas a visibilidade trans não é marketing, por exemplo, se eu tiver numa posição que eu possa dar visibilidade e dar representatividade eu acho que não é marketing é a busca do nosso direito, dependendo de quem tá fazendo é marketing, é moda. é difícil responder essa pergunta por conta disso.

6. Quais são os artistas que mais te inspiram?

Eu tenho muitos artistas cis que me inspiram, Xuxa e Ivete Sangalo são minhas rainhas e na arte, sempre fui muito fã da Ana Paula Arósio. Renata Carvalho, em São Paulo, ela é uma pessoa que atualmente me representa. Eu tenho mais pessoas do teatro, na verdade, que me inspiram, porque” eu acho que quem tá no teatro está lutando do que muitos que tá na tv. Até porque pra você tá lá você tem que tá fazendo um jogo. Uma que nunca me representou foi a Rogéria, não questiono o talento dela e aonde ela chegou, mas como representatividade nunca foi. Hoje eu tenho a Leona Jovis, Renata carvalho, Leo Moreira que a gente tá lutando junto, são pessoas que me inspiram.

7. É comum acharem que no meio artístico as pessoas são menos transfóbicas, você concorda?

Não concordo, as pessoas trans que estão tendo oportunidade é exceção. A Maria Clara Expinele fez a novela e é uma exceção. só contar a história não quer dizer que a pessoa não seja. Coloca a pessoa trans fazendo a produção, qualquer coisa que seja, a gente não vê.

8. Você já presenciou algum caso de tranfobia nesse meio?

Eu sempre tive sorte de não tá com pessoas transfóbicas, teve uma vez que eu fui num local e tava com um varal com as roupas dos travestir e tava escrita “roupa dos travecos”, ninguém tratou mal, mas só o termo usado me deu um ódio e vontade de ir embora

9. O que é para você a luta por direitos?

Lutas por igualdade, não da pra lutar pelo seu direito excluindo o outro. Eu não quero que acabe as pessoas cis, eu só quero igualdade. As pessoas só querem atacar não querem respeitar, querem lutar pela família tradicional? ok, vamos lutar. Mas pra que tenha igualdade e não vantagem. Lutar pelo direito e lutar pela igualdade

10. Em sua opinião existe invisibilidade trans no meio LGBT? Se sim, o que é necessário para combater?

Sim, transfobia no caso dos gays assim como homofobia no caso das trans. Eu acho que a gente tá numa fase de desconstrução, não são todos, mas a gente ta tentando se

desconstruir para não diminuir ninguém para se reafirmar. Muitas vezes, a gente junta com os gays pela causa deles mas os gays não se juntam pelas causas trans. A predominância é dos gays, acho até mesmo por ser homem, mas as pessoas estão tentando. Eu não sou cem por cento desconstruída, mas to tentando me controlar. Eu acho que pra falar sobre representatividade você tem que falar sobre a exclusão que a pessoa trans passa. Não dão oportunidade. Eu me mantenho na arte, não financeiramente, mas pelo menos to fazendo arte porque eu faço os meus próprios projetos, se eu for esperar por convite ou passar em teste, eu não consigo.

APÊNDICE B- MANIFESTO DOS ARTISTAS TRANSEXUAIS

Nós atrizes e atores trans (travestis, mulheres e homens trans) organizados, vimos através deste manifesto buscar nossa representatividade, visibilidade e reconhecimento na produção artística na TV, no teatro e no cinema.

Somos a população mais estigmatizada e marginalizada da nossa sociedade.

O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Nossa segunda causa de morte é o suicídio. A vida média de uma pessoa trans é de apenas 35 anos. Mais de 90% da nossa população está na prostituição, pois o mercado de trabalho não nos aceita.

Lutamos pela normalização e humanização de nossos corpos e identidades.

Direitos básicos nos são negados diariamente.

Durante décadas fomos publicamente censuradas pelo Estado, por operações como “Tarântula” e “Comando de caça aos gays”, que prendiam, torturavam, espancavam e assassinavam travestis, que não podiam simplesmente circular pelas ruas. Presas, eram obrigadas a se mutilar para serem libertadas. Era proibido mencionar a palavra travesti em qualquer meio de comunicação.

Em 2001 a atriz e travesti Thelma Lipp foi substituída depois de ensaiar e fazer laboratórios por dois meses com a equipe do filme “Carandiru”, em que foi substituída pelo ator Rodrigo Santoro por “questões de marketing”. Thelma, que foi a resposta paulista a outro fenômeno de beleza, Roberta Close, não agüentou o baque. Acabou voltando às drogas, sofrendo depressão e terminando a vida como Deodoro.

Em uma entrevista feita em 2002, Claudia Wonder, também atriz e travesti, conta que ela e Thelma Lipp planejavam realizar um trabalho junto ao Sindicato dos Artistas, para que papéis de pessoas trans fossem preferencialmente oferecidos a artistas trans.

Hoje, nós artistas trans resolvemos nos unir.

Estamos na moda, na crista da onda.

Quer ser moderno no teatro, cinema ou televisão?

Coloque entre os personagens uma pessoa trans.

É tão moderno um grupo dar visibilidade ao tema, não?

Que autora maravilhosa falando sobre nós, você viu?

Que filme contemporâneo com essa historia, hein?

Mas quando vão escolher alguém para representar um personagem trans quem é contratado?

Um ator ou atriz cis. Não existe meia representatividade.

Ou se tem ou não se tem.

Precisamos ser vistas, reconhecidas através de referências concretas.

Mas isso não fere a liberdade artística?

Nós artistas trans entendemos a liberdade artística de maneira ampla, geral e irrestrita, sem gênero, sem barreiras, sem amarras e sem fronteiras. Mas também entendemos a arte como instrumento libertador, questionador e símbolo de luta e resistência. E para que serve o artista, senão para refletir, questionar e falar do seu tempo.

Nós artistas trans gostaríamos de conhecer de perto essa tal liberdade artística.

No dia em que não for mais preciso separar ou diferenciar artistas cis de artistas trans.

No dia em que formos ao teatro, ao cinema ou mesmo ligarmos a televisão e virmos artistas trans interpretando personagens cis naturalmente.

No momento, estamos tentando ter o direito de entrar, de estar, de pertencer e de permanecer.

Afinal sempre estivermos nas artes e hoje estamos aqui para dizer que continuamos aqui e existimos.

E perguntamos:

Como podemos existir sem a inclusão? Sem oportunidades?

Cansamos de servir apenas como experimentos cênicos e acadêmicos.

Queremos e precisamos de oportunidades e emprego.

Este manifesto visa sensibilizar, conscientizar e humanizar: autores, escritores, dramaturgos, diretores, produtores, cineastas, assistentes, equipes técnicas, produtoras, agências de atores, SATED, publicitários, grupos, associações e coletivos artísticos, atores e atrizes cisgêneros.

Tirem-nos das esquinas.

Resistiremos e Lutaremos

Juntxs somos mais fortes.

Conheçam nosso manifesto na íntegra em nossa Página no

Facebook: <https://www.facebook.com/RepresentatividadeTrans/?fref=ts>

Curtam e Compartilhem.

Assinado: Movimento Nacional de Artistas Trans

Referências Bibliográficas

ALTMANN, H. “Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais” Unicamp, p. 578- 583, 2010

BENTO, B. “A reinvenção do Corpo. Sexualidade e gênero na experiência transexual”. Rio de Janeiro; Garamond Universitária. 2006. 251p.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100012, acesso dia 02/07/17

CARRARA, S. E CARVALHO M. “Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil.” revista Latinoamericana em Sexualidad, Salud y Sociedad

Dados sobre a quantidade de mortes de travestis entre 2008 e 2014.

<http://agenciabrasil.ebc.com.br>, Acesso 26/11/2016

Dados sobre a busca em sites pornográficos <https://www.pragmatismopolitico.com.br>
 Acesso 22/11/2017

“EDUCAÇÃO E SAÚDE: APRENDIZADOS: I Seminário Queer em
<https://www.youtube.com/watch?v=IkLS0xMo-ZM> Acesso 29/11/16.

Entrevista com Judith Butler: <http://outraspalavras.net/> Acesso: 10/03/2017

ESTADÃO acessado em 09/12/17 <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,dilma-vetou-kit-anti-homofobia-imp-,1009372%20>.

FEMINISMO COM CLASSE “A quem serve uma Esquerda que defende a prostituição?” Acessado em 09/12/17

<https://feminismocomclasse.wordpress.com/2017/04/28/esquerda-que-defende-a-prostituicao/>

FOUCAULT, M. “História da sexualidade. Volume 1. A vontade de saber.” São Paulo. Edições Graal, 2011. 176p.

Frota D’Abreu, Lylla Cysne, PORNOGRAFIA, DESIGUALDADE DE GÊNERO E AGRESSÃO SEXUAL CONTRA MULHERES. *Psicologia & Sociedade* [en linea] 2013, 25 [Fecha de consulta: 23 de noviembre de 2017] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309329764013>> ISSN 0102-7182

GOLDBERG, R “A Arte da Performance do futurismo ao presente” São Paulo. Martins Editora, 2006

“THE HISTORY OF SEX”- documentário parte 1 acessada em:
<https://www.youtube.com/watch?v=XhqT8hyfhFg>

“THE HISTORY OF SEX”- documentário parte 2 acessada em:
<https://www.youtube.com/watch?v=28V-fkMgMoA&t=2140s>

“THE HISTORY OF SEX”documentário parte 3 acessada em:
<https://www.youtube.com/watch?v=fQ8LrU4zQ90>

“THE HISTORY OF SEX”- documentário parte 4 acessada em:
<https://www.youtube.com/watch?v=6IBYzpoHY6M>

“THE HISTORY OF SEX”- documentário parte 5 acessada em:
<https://www.youtube.com/watch?v=CvZeQ7b4Vuw>

HOUAISS – Editora Moderna 2001 p.571

JESUS, JAQUELINE "*Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária*",
 Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH.
 2012, Vol 1; p. 8

JESUS, JAQUELINE ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO:
 CONCEITOS E TERMOS. Segunda edição
 JORNAL O Povo – Caso de transfobia na escola
<https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/11/escola-diz-que-vai-investigar-caso-de-discriminacao-contraluna-trans.html> Acesso em: 11/12/17

LOURO, G. L. *Corpos que escapam* em
http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao,_infancia_e_juventud_e/Mesa_Redonda/02_38_25_m58-289.pdf , acesso dia 02/07/17

NOGUEIRA S. "*IDENTIDADE DE GÊNERO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: UMA REFLEXÃO SOBRE O LIVRO “TUDA: UMA HISTÓRIA DE IDENTIDADE”*"
 Uberlândia 2017

PERES, A. "*O direito a uma nova identidade Sexual.*" Rio de Janeiro, São Paulo;
 Renovar, 2001.282p.

PEREIRA, S. "*BR Trans*". Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2016. 72p.

PRECIADO, B. "*Manifesto Contrassexual.*" N-1" São Paulo. 2014. 224p.

PRIORE, M.- Seminário “Sexualidade: história de repressão e mudanças/ Mary del Priore” Acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=fnw7yB7tYkU>

Prostitution and Male SupremacyA Acessado em 09/12/17
<https://feminismocomclasse.wordpress.com/2017/04/28/esquerda-que-defende-a-prostituicao/>

RAGO, E. "*Os prazeres da noite. Prostituição e e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*" Acessado em
file:///C:/Users/Amanda/Downloads/Rago_LuziaMargareth_D.pdf

Revista Fórum- Transfobia nas escolas
<https://www.revistaforum.com.br/2015/07/24/colégio-anglo-e-denunciado-por-transfobia/>

RODOLPHO PETRY, ANALÍDIA, ESTERMANN MEYER, DAGMAR ELISABETH, *Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa*. *Textos & Contextos* (Porto Alegre) [en línea] 2011, 10 (Enero-Julio) : [Fecha de consulta: 20 de noviembre de 2017] Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321527168015> ISSN

SAFO- Poema Acessado em: <http://www.revistaprosaversoearte.com/safo-poemas/>
 SALIN S. *Judith Butler e a teoria Queer*. Rio de Janeiro. Editora Autêntica. 2016.
 SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995). Acesso: https://archive.org/details/scott_gender_28/11/16

SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995). Acesso: https://archive.org/details/scott_gender_28/11/16

Significado de preconceito. <https://dicionariodoaurelio.com/preconceito>. Acesso 22/11/16

SOARES, F “*Visibilidade ou Representatividade? #VisibilidadeLésbica*” <https://www.youtube.com/watch?v=q8k6GkAw760> acesso 24/01/18

SPARGO T. “*Foucault e a teoria queer*” Rio de Janeiro, Editora Autentica, 2017
 Stonewall: <http://igay.ig.com.br/2014-06-28/stonewall--o-bar-que-mudou-a-historia-do-movimento-lgbt.html> acesso: 25/01/18

“*Travesti e mulher trans há diferença?*” em https://www.youtube.com/watch?v=vnZWE_KBnQ4 Acesso 10/11/16.

VENCATO, A. “*O que faz uma mulher*” acessado em <https://pt.scribd.com/document/106963872/A-P-Vencato-O-Que-Faz-Uma-Mulher-Mulher>

